

Práticas discursivas nas docências contemporâneas na cibercultura: a constituição do ser docente e a ciberformação no ensino superior

Octavio Silvério de Souza Vieira Neto
Universidade Federal de Juiz de Fora
octaviossvieiraneto@gmail.com

Resumen:

Este artículo objetivo presentar datos preliminares de la investigación de doctorado que tiene lugar en el Programa de Posgrado en Educación (PPGE), en la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, Brasil y financiada por la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior (CAPES). Comenzando en 2019 y terminando en 2023, la investigación se desarrolla en diálogo con las investigaciones y estudios realizados en los grupos de investigación GRUPAR - Aprendizaje en red y EINAI - Ontología, Formación Humana y Educación. La investigación surge de desarrollos filosóficos y científicos llevados a cabo en investigaciones previas y tiene como objetivo comprender: ¿qué prácticas discursivas y acciones docentes constituyen el ser docente y los procesos de ciberformación en la docencia universitaria contemporánea? De carácter cualitativo, articulado con la metodología de la conversación, la investigación tiene un enfoque arqueogenalógico y tendrá, como herramienta de investigación, conversaciones en línea con los participantes de la investigación, informantes calificados: profesores de educación superior de pregrado y pedagogía, brasileños y extranjeros (Brasil, América Latina, América del Norte, Europa, África y Asia). Por la metodología de la investigación, los hallazgos de la investigación se analizarán a partir de 3 (tres) unidades de análisis de las prácticas de enseñanza del discurso, virtualidad, ciberformatividad y ciber subjetividad y se entrelazarán a través de 3 (tres) enfoques que orientarán el marco teórico de la investigación: el filosófico-científico; el filosófico-educativo; y la comunicación-tecnológica. Esperamos encontrar pistas que consoliden o refuten la hipótesis de esta investigación científica.

Palabras clave: Ser Docente, Ciber-formación, Prácticas Docentes Discursivas en Educación Superior, Ontología, Esfera Social Cibercultural.

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar dados preliminares da pesquisa de doutorado que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, Brasil e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Iniciado em 2019 e com previsão de conclusão em 2023, esta pesquisa se desenvolve em articulação e diálogo com as investigações e estudos realizados nos grupos de pesquisa GRUPAR - Aprendizagem em Rede e EINAI – Ontologia, Formação Humana e Educação. A pesquisa decorre de desdobramentos filosóficos e científicos realizados em investigações anteriores e se propõe entender: que práticas discursivas e ações docentes constituem o ser docente e os processos de ciberformação nas docências universitárias

contemporâneas? De cunho qualitativo, articulado com a metodologia da conversa, a pesquisa tem enfoque arqueogenealógico e terá, como instrumento de investigação, conversas on-line com os participantes da pesquisa, informantes qualificados: professores e professoras do ensino superior de cursos de licenciatura e de pedagogia, brasileiros e estrangeiros (Brasil, América Latina, América do Norte, Europa, África e Ásia). Para cumprir as exigências metodológicas da investigação, os achados da pesquisa serão analisados a partir de 3 (três) unidades de análise das práticas do discurso docente, a virtualidade, a ciberformatividade, e a cibersubjetividade e serão entrecruzados por meio de 3 (três) enfoques que balizarão o referencial teórico e analítico da pesquisa: o filosófico-científico; o filosófico-educacional; e o tecnológico-comunicacional. Assim, esperamos encontrar pistas que possam consolidar ou refutar a hipótese desta investigação científica.

Palavras-chave: Ser Docente, Ciberformação, Práticas Discursivas Docentes no Ensino Superior, Ontologia, Esfera Social Cibercultural.

Abstract:

The objective of this article is to present preliminary data from the doctoral research that is being carried out in the Graduate Program in Education (PPGE), at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, Brazil and financed by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). Starting in 2019 and ending in 2023, this research is developed in conjunction and dialogue with the investigations and studies carried out in the research groups GRUPAR - Network Learning and EINAI - Ontology, Human Formation and Education. The research stems from philosophical and scientific developments carried out in previous investigations and intends to understand: what discursive practices and teaching actions constitute being a teacher and the cyber-formation processes in contemporary university teaching? Qualitative in nature, articulated with the methodology of conversation, the research has an archgenealogy focus and will have, as a research tool, online conversations with the research participants, qualified informants: higher education teachers from undergraduate and pedagogy courses, Brazilian and foreign (Brazil, Latin America, North America, Europe, Africa and Asia). To meet the methodological requirements of the investigation, the research findings will be analyzed from 3 (three) units of analysis of the practices of teaching discourse, to know, virtuality, cyberformativity, and cybersubjectivity and will be intertwined through 3 (three) approaches which will guide the theoretical and analytical framework of the research: the philosophical-scientific; the philosophical-educational; and the technological-communication. Thus, we hope to find clues that can consolidate or refute the hypothesis of this scientific investigation.

Keywords: Being a Teacher, Cyber-formation, Discursive Teaching Practices in Higher Education, Ontology, Social Sphere Cyberculture

“Nomes não se aprendem sozinhos,
aprendem-se alojados em pequenas
histórias.”

Lyotard

Introducción

A busca por evidências e caminhos que apontem para a problematização dos impasses, tensões e limites das condições de constituição do ser docente e dos sujeitos por meio dos processos de ciberformação no ensino superior, se apresenta como um desafio que a investigação filosófico-científica em educação não pode se furtar, mesmo diante da irrefutável velocidade de transformação dos saberes, dos valores de verdade e dos comportamentos humanos, característicos deste espaço e tempo na esfera social cibercultural.

Como sabemos, desde que o neoliberalismo iniciou o processo de consolidação do capitalismo nas sociedades ocidentais, por volta da década de 80, as condições de normalidade social foram suplantadas pela condição de crise permanente nas sociedades (SANTOS, 2020) hodiernas. Pois, o fato de a crise se tornar permanente faz emergir a condição de que “[...] a crise transforma-se na causa que explica todo o resto. Por exemplo, a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários [...]”, (SANTOS, 2020. p. 5), efeitos estes que sentimos na pele durante a longa crise sanitária de COVID-19 que estamos vivendo desde março de 2020. Mas, Santos, (2020) ainda nos alerta que diante desta constatação “[...] obsta a que se pergunte pelas verdadeiras causas da crise” (p.5).

Por este motivo, não podemos afirmar que a crise sanitária, deflagrada pela pandemia da COVID-19, que já ocasionou, segundo os dados oficiais da Organização Mundial de Saúde (OMS) mais de 242,6 milhões de casos e 4,95 milhões de mortos no mundo; mais de 92,6 milhões de casos e 2,2 milhões de mortes nas Américas; e mais 21,6 milhões de casos e 604 mil mortos no Brasil (Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19), 2021), associada a uma brutal crise ética, política e econômica que vêm assolando o mundo e a nossa sociedade, seja o contraponto à uma condição de normalidade social em que vivíamos anteriormente. Mas, tão somente, é o resultado de um projeto político e econômico que tem por finalidade a ruptura com o passado, irrompendo-se como perspectiva futura puramente prática e econômica. Perde-

se, neste processo, a noção de força e luta entre passado e presente-futuro¹, constituidora da temporalidade de sujeitos emancipados, contemplativos e éticos, resultado de histórias efetivas. Pois, "o tempo ecológico da natureza, o tempo das deliberações da democracia, o tempo dos corpos e das mentes se encontram assim dessincronizados do tempo das comunicações" (CHARTIER, 2019, p. 10), no espaço e tempo da cibercultura². Decorre disto, que em meio a esta crise sem precedentes, os modos de subjetivação dos sujeitos, a forma como as práticas discursivas nos imputam maneiras de sermos e de nos relacionamos conosco, com os outros e com os objetos de conhecimento, tem se ressignificado radicalmente.

Neste sentido, é que inquirimos sobre a questão da crise que se abate sobre as instituições de ensino e pesquisa do país e a consequente crise no tocante à formação do ser docente e dos sujeitos que são os pilares para de toda cultura, história e sociedade.

Constatamos que diante destas condições estabeleceu-se, portanto, um regime de catástrofe permanente (ALBA RICO, 2001) irrompendo-se com o passado a uma velocidade vertiginosa, em favor de um viés estritamente econômico em detrimento dos princípios e valores humanos e naturais. Ou seja, a busca pela felicidade, que como preconiza Aristóteles (2006), parece ser uma vocação natural do ser humano e que consiste na busca por uma vida de atividade conforme a virtude (ARISTÓTELES, 2006, p. 29), o bem e a justiça, vem sendo suprimida em função das escolhas que os sujeitos tem realizado na atualidade, desejando mais o "ter", *status*, coisas e ou capitais, do que "ser", agir conforme a virtude e a justiça. Pois como afirma Aristóteles (2006), "o homem feliz parece necessitar deste tipo de propriedade [bens exteriores] e é por isto que algumas pessoas identificam a felicidade com a boa fortuna, embora outros a identifiquem com a virtude" (ARISTÓTELES, 2006, p. 30).

¹ - Estamos aludindo à noção de tempo-presente estudada por REGO (2018) em que faz a aproximação entre presente e futuro ao analisar o tempo do jornalismo, sugerindo que "o tempo emblema do jornalismo não é mais o presente, mas o futuro" (REGO apud BARBOSA, 2019, p. 32), afirmando assim o primado do futuro como produto narrativo, uma vez que "a busca da novidade faz com que a experiência narrada se projete do presente até o futuro, [sendo o presente uma] ilusão" (Ibidem, p. 33). Nesta lógica, "o presente se esfacela nas suas narrativas que, se atualizando sem cessar, querem reproduzir uma espécie de ultra-atualidade. O tempo linear do jornalismo parece ter sido substituído pelo tempo espiralado que demarca o presente-futuro como moto contínuo." (Ibidem, p. 33).

² - Conforme proposto por Adriana Rocha Bruno e João Luiz Peçanha Couto (2019), no artigo "Culturas Contemporâneas: o digital e o ciber em relação" a Cibercultura pode ser compreendida "como um fenômeno da Cultura Digital e, portanto, da contemporaneidade" (BRUNO; COUTO, 2019, p. 104). Para os autores, como aponta Pierre Lévy, "As tecnologias digitais surgiram, então, com a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também, novo mercado da informação e do conhecimento" (LÉVY apud BRUNO; COUTO, 2019, p. 104).

Posto este cenário, podemos inferir que, como aponta Alba Rico (2001), na atualidade não permaneceu em pé nenhuma ruína para se experimentar a antiguidade do mundo e a profundidade do tempo. Tampouco, ecoou novamente de forma perene o princípio contemplativo e a relação e contato com a natureza, próprios de movimentos culturais ancestrais, que poderiam, facilmente, encaminhar os sujeitos para searas mais reflexivas, éticas, políticas e, conseqüentemente, felizes. Ao invés disto, em nome de um futuro promissor, os assujeitamentos e as dominações de si sobre si mesmo vêm se tornando a tônica da sociedade cibercultural, mesmo diante das inesgotáveis possibilidades de arquivamentos dos dados e memórias promovidos pela virtualização e digitalização da cultura.

O que estamos afirmando é que, neste espaço e tempo de transformações permanentes e avassaladoras, os sujeitos têm se tornado escravos de si mesmos e têm perdido sua condição primeira de “ser humano” em função da perversa lógica da positividade³, do capitalismo de vigilância⁴ e de relações sociais de controle⁵ manipulador que impõem aos sujeitos pressões competitivas e comportamentais que buscam resultados puramente financeiros em detrimento de relações humanas consigo mesmo e com os outros que constituem, como aponta Lyotard na epígrafe acima, os nomes em pequenas histórias colaborativas e os valores e princípios significativamente humanos.

Os efeitos decorrentes desta condição humana e social, como constataremos ao longo da investigação, é o fato de que nos encontramos diante de um torvelinho de mudanças de eras,

³ - Byung-Chul Han, na obra “Sociedade do Cansaço” (2017), nos alerta para o fato de que a lógica da positividade presente nas relações sociais atuais fazem emergir o adoecimento dos sujeitos em função do desaparecimento da dialética da negatividade, uma vez que “o desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades. É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade.” (HAN, 2017, p. 14).

⁴ - Esta é uma noção apresentada por Shoshana Zuboff (2020), na obra “A Era do Capitalismo de Vigilância” para expressar a forma mais virulenta do capitalismo atual o qual, segundo a autora, “[...] é uma força nefasta comandada por novos imperativos econômicos que desconsideram normas sociais e anulam direitos básicos associados à autonomia individual e os quais são essenciais para a própria possibilidade de uma sociedade democrática” (ZUBOFF, 2020, p. 23).

⁵ - A noção de relações sociais de controle é expressa por Deleuze (1992) que, na década de 1990, já nos alertava sobre como caminávamos para a consolidação de suma sociedade de controle e que este seria um efeito provocado pelas condições de dominação provocadas pelo capitalismo e avanços tecnológicos efeitos de uma “máquina abstrata de sobre-codificação” do humano e como se tornam “sutis e difusos, moleculares, na sociedade. Neste sentido é que, em diálogo com Parnet, dirá que “o que caracteriza nossa situação está, a um só tempo, para além e aquém do Estado. Para-além dos Estados. Para-além dos Estados nacionais, o desenvolvimento do mercado mundial, a potência das sociedades multinacionais, o esboço de uma organização “planetária”, a extensão do capitalismo para todo o corpo social, formam uma grande máquina abstrata que sobre-codifica os fluxos monetários, industriais, tecnológicos. Ao mesmo tempo, os meios de exploração, de controle e de vigilância tornam-se cada vez mais sutis e difusos, moleculares, de certa forma (os operários dos países ricos participam necessariamente da pilhagem do terceiro mundo, os homens, à super-exploração das mulheres etc.)” (DELEUZE, 1992, p. 119).

em que a sociedade industrial vem se transformando em sociedade pós-industrial, o capitalismo tardio (MANDEL, 1982) vem se transfigurando em capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020), a tecnocultura passou a coabitar na cibercultura (LEMOS, 2008) e as relações impositivas disciplinares vêm dando lugar a relações sociais de controle (DELEUZE, 1992) e assujeitamento positivos de si sobre si mesmo, deflagrando o que vem sendo denominado por Han (2017) como a sociedade do cansaço.

Ora, nesta realidade instável, efêmera e de crise permanente, o que temos de significativo em pesquisa é o retorno de uma das questões mais caras à investigação filosófico-científica em geral que é a de se tentar compreender, mais uma vez, o que é o “ser” e como ele se constitui na sociedade atual, sociedade esta eminentemente cibercultural.

O que estamos querendo dizer com esta afirmação é que o cenário de crise permanente em que estamos inseridos se impõe como sendo o cenário da crise permanente do “ser”. Ou seja, a **questão do ser** se torna mais uma vez a questão *par excellence* da investigação filosófico-científica que se apresenta, atualmente, como **a crise de dimensão ontológica do ser humano**. Neste sentido, a crise permanente da sociedade e a crise ontológica do ser humano vem afetando, sobremaneira, os sujeitos e suas possibilidades formativas, demarcando a condição de mudança permanente das formas de subjetivação; os processos de criação dos conhecimentos e os métodos e procedimentos de aprendizagens significativas; as condições da vida em sociedade, das multiplicidades e diversidades culturais e étnicas; os condicionantes éticos e morais que regulam a vida em coletividade; as reflexões, ações e posicionamentos políticos que nos tornam parte integrante da vida humana e democrática na Terra. Estamos, portanto, diante de mudanças significativas e sem precedentes, “[...] mudanças de natureza profunda e estrutural, envolvendo o ser, o conhecer, o fazer e o viver/conviver” (MORAES, 2008, p. 17) na esfera social cibercultural.

Em meio a estes processos contraditórios encontram-se as universidades, a pesquisa científica atual e a Educação e seus princípios formativos e emancipatórios dos sujeitos, que padecem sob um franco ataque político de governos autoritários e fascistas que, como no Brasil, vem minando a pesquisa impondo uma crescente falta de investimentos significativos; tratando a Educação e a formação com absoluto descaso, ingerência e isenção de políticas de Estado que qualifique e impulse a formação para patamares aceitáveis; e promovendo a mercadologização do capital intelectual. Como se não bastassem estes problemas, vivemos um momento de crise profunda na educação como nos aponta Hooks (2013),

A educação está numa crise grave. Em geral, os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar. Mais que em qualquer outro momento da história recente dos Estados Unidos, os educadores têm o dever de confrontar as parcialidades que tem moldado as práticas pedagógicas em nossa sociedade e de criar novas maneiras de saber, estratégias diferentes para partilhar o conhecimento. Não podemos enfrentar a crise se os pensadores críticos e os críticos sociais progressistas agirem como se o ensino não fosse um objeto digno da sua consideração.

A sala de aula continua sendo o espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia. Há anos é um lugar onde a educação é solapada tanto pelos professores quanto pelos alunos, que buscam todos usá-la como plataforma para seus interesses oportunistas em vez de fazer dela um lugar de aprendizado. (HOOKS, 2013, p. 23)

Neste cenário, as universidades lutam para manter vivo o seu papel de incluir, compartilhar e criar condições de ensinar e aprender no presente acontecimento da cibercultura, tentando se conectar com o passado, com a memória, com os saberes acumulados pela tradição, de forma contemplativa, reflexiva e crítica, mesmo diante das perspectivas esvaziadas dos estado nacionais, impostas pelo mercado, pelas relações de assujeitamento atuais e pelos rompimentos com o passado em favor dos presentes-futuros imediatos e “promissores” do capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020), das relações sociais de controle (DELEUZE, 1992) e das lógicas positivas, próprio da sociedade de cansaço (HAN, 2017).

Diante desta perspectiva é que podemos vislumbrar o enfoque investigativo desta pesquisa de doutoramento, uma vez que, se na investigação filosófico-científica em geral a **questão do ser** é extremamente significativa para inferirmos ontologicamente quem é o sujeito que habita a esfera social cibercultural, do mesmo modo, na investigação filosófico-educacional em particular a **questão do ser docente**, se torna a questão *par excellence* da pesquisa em Ciências Humanas, em específico em Filosofia da Educação, podendo se apresentar, atualmente, como sendo o reflexo de uma **crise de dimensão ontológica do ser docente** e dos processos de **ciberformação**⁶ na esfera social cibercultural.

⁶ - Ciberformação é um neologismo criado pelo autor da pesquisa por meio da soma dos termos cibercultura e formação. A ciberformação expressa as potencialidades da subjetivação emancipadora do ser docente diante de processos formativos e tecnológicos em ambiências e docências formativas presenciais e on-line. É a formação que abarca a complexidade do espaço e tempo cibercultural e das técnicas decorrentes deste fenômeno, associada aos princípios filosóficos da ética, política e estética, que são os princípios fundamentais do sentido da formação humana na Educação, promotores da liberdade e autonomia dos sujeitos para a ação ética, política e estética na esfera social cibercultural.

Como sabemos, desde a Grécia Clássica a busca pela compreensão do que seja o homem e como se realiza a práxis humana na sociedade passa pela compreensão de que “toda a filosofia encerra-se numa *paidéia*” (NUNES apud VIEIR NETO, 2013, p. 40), na formação plena do indivíduo para a vida em sociedade, extraindo de sua natureza ética as normas e diretrizes racionais de convivência entre as pessoas. Ou seja, o conceito de formação, entendido como a busca racional de uma teoria consciente da educação e do agir dos sujeitos na sociedade permanece como a principal questão da Filosofia da Educação, o que consolida a prerrogativa investigativa desta pesquisa.

Nossa proposta investigativa é de procurar pistas que apontem para o fato de que, diante do espírito do tempo cibercultural, as pessoas têm vivido entrecortados por diversos tipos de discursos, redes de relações e de conhecimentos e que tem parecido ser instigante e edificador para a formação e subjetividade humana e, conseqüentemente, para liberdade individual. Contudo, a presteza e a acuidade no olhar investigativo, pode nos fazer espreitar que este espaço e tempo tem se mostrado repleto de armadilhas aprisionadoras dos seres humanos, uma vez que o assujeitamento promovido pelas práticas discursivas contemporâneas vêm tornando inapta a primazia da condição ontológica dos seres humanos: sua condição de liberdade e autonomia, sua capacidade de atuar e criar saberes e artes, sua possibilidade de agir ética, política e esteticamente e sua necessidade de viver temporalidades efetivas, na esfera social cibercultural.

A saída desta crise ontológica sem precedentes que faz padecer os sujeitos pode ser pensada e inquirida quando nos perguntamos sobre que sociedade queremos e que tipo de ser humano almejamos ser? Decorre deste questionamento que a compreensão da **questão do ser docente** e dos processos de **ciberformação** na universidade atual, que está imersa na esfera social cibercultural, torna-se uma questão fundamental para a investigação em Filosofia da Educação. Em específico, uma possível saída é a compreensão da importância da problematização desta pesquisa, que busca analisar que **práticas discursivas docentes e ações docentes constituem o ser docente e os processos de ciberformação nas docências universitárias contemporâneas?** Pois, buscando pistas sobre esta questão/problema pretendemos encontrar um caminho que nos possibilite enxergar se, mesmo diante dos impasses tensões e limites da cibercultura, as práticas discursivas docentes e as ambiências formativas na universidade atual, possibilitam os processos de ciberformação e subjetivação emancipadoras dos docentes e dos sujeitos, constituindo-os para a vida contemplativa, ativa, autônoma e livre na esfera social cibercultural, como apontaremos a seguir.

Caminho Metodológico da Pesquisa

Esta pesquisa de doutoramento está na fase da pesquisa de campo, não sendo possível corroborar dados consolidados resultantes desta investigação filosófico-científica. Contudo, optamos, para compor este artigo, apresentar um recorte de alguns dados iniciais e de parte das discussões teóricas da pesquisa.

A proposta investigativa da pesquisa é a de realizar uma arqueogenealogia⁷, uma ontologia do presente e de nós mesmos, docentes do ensino superior de modo a escavar e atingir a profundidade da questão/problema da pesquisa. Para tanto, nos propomos a encontrar os achados da pesquisa, por meio das **formações discursivas docentes** que emergirem nos **enunciados do discurso docente**, expressando o movimento das **práticas discursivas docentes** nas docências e ambiências formativas em cursos de licenciatura e pedagogia no ensino superior. Pois, como aponta Foucault (2008), a formação discursiva é,

[...] Um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 2008, p. 86).

Com este enfoque metodológico esperamos que, com o auxílio da **metodologia da conversa**⁸, emergjam dos enunciados do discurso docente o movimento das práticas discursivas

⁷ - Esta pesquisa tem como pressuposto de análise a influência da arqueogenealogia foucaultiana e por este motivo a noção de “prática discursiva” é significativa na investigação. Foucault (2008), propõe que a Análise do Discurso é um procedimento metodológico que visa captar o enunciado nas relações históricas e nas práticas discursivas concretas que estão vivas no discurso. Foucault (2006) entende o sujeito como sendo constituído pelas e nas práticas sociais, sejam elas discursivas (o que é dito pelo sujeito) ou não discursivas (os discursos institucionais) no interior de formações discursivas, em função de grandes procedimentos de sujeição e exclusão do discurso, por meio de relações de poder e saber, de tensões de forças em um descontínuo jogo caótico. Deste modo, o sujeito é fruto das práticas sociais que se dão também por meio das práticas discursivas. São, portanto, nessas práticas, discursivas ou não, que a arqueogenealogia atua. Neste sentido é que estamos aludindo à noção de “**práticas discursivas docentes**” na expectativa de entender que, se o sujeito é fruto das práticas sociais e discursivas, logo o ser docente é constituído pela e na sua prática práxis docente, sejam elas práticas discursivas (as coisas ditas pelo docente) ou práticas não discursivas (os discursos institucionais universitários) no interior de formações discursivas docentes que, por meio de relações de poder, saber e tensões que constituem o ser docente em sua história docente e temporalidade efetivas.

⁸ - Realizaremos a pesquisa de campo tendo como suporte a metodologia da conversa (RIBEIRO; SOUZA; & SAMPAIO, 2018, p. 29) que nos apontará a possibilidade de encontrarmos pistas e diferentes sentidos para os

docentes, nas docências e ambiências formativas universitárias, permitindo identificarmos elementos como a criticidade, dialogicidade, conectividade, interatividade e criatividade, características de docências que implementam princípios da pedagogia engajada⁹ (HOOKS, 2013) e da educação aberta¹⁰ (BRUNO, 2021), resultado de processos de ensino e aprendizagem plásticos, de mediação partilhada em redes rizomáticas de coaprendizagem (BRUNO, 2021).

Para cumprir as exigências desta pesquisa de cunho qualitativo, realizaremos uma **análise das práticas discursivas docentes**, buscando compreender os **enunciados dos discurso docente**, entregues na pesquisa de campo pelos participantes da pesquisa, **informantes qualificados/as**¹¹, professores e professoras do ensino superior de cursos de licenciatura e pedagogia de instituições de ensino superior, no contexto nacional e internacional (Brasil, América Latina, América do Norte, Europa, África e Ásia).

Estamos realizando as conversas on-line, de duração máxima de 1 (uma) hora, utilizando o recurso Google Meet (institucional), gerando uma gravação na íntegra da conversa.

O recrutamento está acontecendo respeitando-se 3 (três) etapas de indicação, contendo 10 (dez) participantes da pesquisa em cada bloco de 10 conversas on-line, totalizando **30 (trinta) conversas on-line**: (a) **primeira indicação qualificada** - participantes indicados por docentes universitários brasileiros; (b) **segunda indicação qualificada** - participantes indicados pelos docentes da primeira etapa; (c) **terceira indicação qualificada** - participantes

acontecimentos vividos pelos docentes em suas formações discursivas docentes, superando as perspectivas lineares de obtenção de resultados das metodologias convencionais, obtendo resultados decorrentes das enunciações docentes e os acontecimentos decorrentes dos processos de formação experimentados/vividos pelos participantes da pesquisa.

⁹ - Segundo Hooks (2013) a Pedagogia engajada está de acordo com a prática da Liberdade e neste sentido, “os alunos não são os únicos chamados a partilhar a confessar.” (HOOKS, 2013, p. 35). Segundo a autora, “a pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado o modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva.” (HOOKS, 2013, p. 35).

¹⁰ - Segundo Bruno (2021) podemos entender a educação aberta a partir da noção de abertura que “compreende estar e ser aberto às ideias, a propostas criativas, autorais e inovadoras, a formatos múltiplos, a concepções abertas, a modalidades articuladoras, a tecnologias diversas, mas principalmente, nesse contexto, a abertura implica processos inclusivos, de acessibilidade, ubiquidade, hibridismo, conectividade, mobilidade. Assim, para que a educação aberta aconteça, atitudes e ideias convergentes passam a habitar as docências.” (BRUNO, 2021, p. 150).

¹¹ - O informante qualificado/a é um dos princípios essenciais da pesquisa antropológica. Segundo Sousa (2007, p. 82) o informante qualificado “[...] deve ocupar um lugar ou desempenhar um papel que o torne socialmente significativo.” Para Ervin (apud SOUSA, 2007, p. 83) “estes tipos de informantes são altamente qualificados, pois possuem um conhecimento sobre o tempo e uma reflexão ponderada [e que] refutar um informante que analise a sua própria condição de vida e que sobre ela tenha uma capacidade crítica parece-nos uma forma de subestimar o sujeito” da pesquisa.

indicados pelos docentes da segunda etapa. Todos os participantes da pesquisa terão que cumprir os seguintes **critérios de recrutamento**: (a) que o docente atue em cursos de pedagogia e ou licenciaturas; (b) que sua prática pedagógica seja diferenciada, inovadora (na visão de seus pares da área e, por isso, o uso dos informantes qualificados); (c) que atenda a princípios de pedagogias atualizadas e contextualizadas com as necessidades formativas atuais, ou seja, em interface com a cibercultura. Os participantes da pesquisa estão sendo recrutados para participarem da pesquisa por meio de **2 (dois) tipos de contato**: (a) contato inicial (por meio de contato via Telefone, WhatsApp e ou Messenger); e (b) contato oficial (por meio de contato via E-mail), momento em que o participante recebe todas as informações referentes à sua participação na pesquisa, por meio do Convite Oficial e TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), documento está sendo encaminhado pelo participante da pesquisa (via e-mail) nomeado, assinado e datado para o pesquisador. As conversas on-line com os participantes da pesquisa serão norteadas por meio do roteiro de temas com 16 (dezesseis) perguntas disparadoras.

A Análise dos Achados da Pesquisa

A busca por argumentações cognitivas e analíticas que elucidem as inquietações investigativas da pesquisa é sempre um caminho árduo mediante o espaço percorrido pelas indagações humanas e suas efetivações nos tempos históricos, principalmente, quando tais discussões são alavancadas dos campos da Educação, Filosofia da Educação e Cibercultura.

Ciente das dificuldades cognitivas e analíticas desta investigação, intentamos, com a metodologia de campo encontrar nas formações discursivas docentes, **unidades enunciativas do discurso docente** que permitam entrecruzar os dados da pesquisa com os enunciados decorrentes do referencial teórico da investigação, corroborando ou refutando as suspeitas e inquietações filosófico-científicas da pesquisa. Pois quando entendemos que o discurso é “um conjunto de enunciados que se apoia na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, apud FISCHER, 2001, p. 201) temos a possibilidade de perceber o enunciado, que é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente, uma vez que, trata-se de uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que os enunciados apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FISCHER, 2001).

Hoje¹², com um total de 21 (vinte e uma) conversas on-line realizadas com informantes qualificados/as do Brasil (5), Colômbia (4), Chile (1), Uruguai (1), México (1), Estados Unidos (4), Portugal (1), Espanha (2), África (2). estamos mapeando e levantando os achados da pesquisa que nos possibilitarão encontrar as origens das formações discursivas docentes que engendram os processos de ensinar e aprender na universidade atual.

Para tanto, procederemos, nos próximos meses, com a análise dos achados da pesquisa a partir de 3 (três) **dispositivos**¹³ **de análise das práticas do discurso docente**: o **dispositivo virtualidade**, em que procuraremos nos achados da pesquisa elementos que apontem para as principais características da cibercultura e suas influências na constituição do ser docente; o **dispositivo ciberformatividade**, em que procuraremos nos achados da pesquisa elementos que apontem para os princípios que caracterizam a ciberformação nas universidades atuais e suas implicações para formação do ser docente; e o **dispositivo cibersubjetividade**, em que procuraremos nos achados da pesquisa elementos que apontem para os modos de subjetivação e emancipação do ser docente, na cibercultura.

Objetivamos, com este enfoque analítico, encontrar e compreender as proveniências e os efeitos das práticas discursivas docentes nos enunciados do discurso docente, levando-se em conta, não os saberes antes articulados e marginalizados por um certo tipo de conhecimento considerado verdadeiro (como intentou a pesquisa moderna e que por vezes ocasionou em erro). Mas, sobretudo, levando-se em conta os saberes ditos e enunciados das formações discursivas docentes dos informantes qualificados/as, constituidores do ser docente, dos sujeitos e dos processos de ciberformação na universidade atual.

Neste sentido, a análise dos enunciados do discurso docente, quando confrontado com o referencial teórico da pesquisa, nos permitirá enxergar mais além, ver nos interstícios das práticas discursivas docentes, elementos de conexão, entrecruzamento e até dissociação entre os enunciados do discurso docente decorrentes da coleta de dados e as práticas discursivas docentes e as práticas não discursivas que engendram os processos de ciberformação na educação superior.

Assim, para a consolidação do processo analítico da pesquisa, **3 (três) serão os enfoques** que balizarão o referencial teórico da investigação: **o filosófico-científico** (Byung-

¹² - Refiro-me à data que estou escrevendo o artigo, a saber, 25 de outubro de 2021.

¹³ - A noção de dispositivo é muito significativa na proposta arqueogenealógica de Foucault. A análise de dispositivos concretos em Foucault é, como esclarece Deleuze (1996), “antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras.” (p. 83).



Chul HAN, Friedrich NIETZSCHE, Gilles DELEUZE, Hannah ARENDT, Michel FOUCAULT, Shoshana ZUBOFF, Thomas KUHN, Yuk HUD); **o filosófico-educacional** (Adriana Rocha BRUNO, António NOVOA, Bell HOOKS, Boaventura de Sousa SANTOS, Edméa SANTOS, Maria Cândida MORAES, Paulo FREIRE, Carlos Nogueira FINO); e **o tecnológico-comunicacional** (André LEMOS, Cathy O'NEIL, Evgeny MOROZOV, Lucia SANTAELLA, Manuel CASTELLS, Marco SILVA, Pierre LÉVY).

Portanto, entendemos que cumprindo os objetivos metodológicos e analíticos desta investigação filosófico-científica, por meio da proposta arqueogenealógica, poderemos realizar uma ontologia do presente, uma análise dos enunciados do discurso docente com o auxílio da metodologia da conversa, esperando corroborar ou refutar a hipótese desta tese de doutorado.

Conclusão

Como aventamos, mesmo diante da perspectiva sombria e avassaladora do real e do humano em meio aos apelos da cibercultura, fica claro a importância de investigarmos a questão do ser docente e dos processos de ciberformação na esfera social cibercultural e seus desdobramentos: o de um impulso à falta de conscientização dos sujeitos para ação política na sociedade atual. Contudo, para além de visão puramente catastrófica da realidade, encontrar caminhos salutares para que os sujeitos possam se relacionar consigo mesmo, com o outro e com os objetos/técnicas próprios da cibercultura é uma tarefa fundamental para a pesquisa em Ciências Humanas. Como aponta Freire (2019, p. 29), “se a direção racional de tal processo é a política, então conscientizar é politizar”, é promover processos formativos que promovam a ciberformação dos docentes e dos sujeitos para a vida política na esfera social cibercultural. Pois, como aponta Freire,

Os homens humanizam-se, trabalhando juntos, para fazer do mundo, sempre mais, a mediação de consciências que se coexistenciam em liberdade. Aos que constroem juntos o mundo humano, compete assumirem a responsabilidade de dar-lhe direção. Dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como trabalhador, a função de sujeito de sua história, em colaboração com os demais trabalhadores – o povo. (FREIRE, 2019, p. 29).

Neste contexto, partimos da premissa de que seja necessário que, na universidade atual e nas ambiências formativas, as práticas discursivas docentes e as ações docentes promovam processos de **ciberformação** que despertem **habilidades e competências digitais, consciência tecnológica** e noções **éticas, políticas e estéticas** que permitam ao ser docente e aos sujeitos, em meio à esfera social cibercultural, se transformarem, ontologicamente, se libertarem e tornarem-se autônomos para viver efetivamente na cibercultura. Além disto, é necessário que as docências universitárias superem as condições de formação e subjetivação dos sujeitos provenientes da educação bancária (FREIRE, 2019) e implementadas por procedimentos de **tecnobancarismo** nos processos de ensino e aprendizagem. Entendemos ser este o primeiro passo para a libertação dos sujeitos da escravidão e opressão (FREIRE, 2019) de políticas impositivas, autoritárias e antidemocráticas, do mercado de comportamentos futuros do capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020), da técnica e seu desdobramento em tecnologias,

internet e redes sociais, na sociedade do controle (DELEUZE, 1992) e do empreendedorismo de si mesmo que anula os sujeitos na sociedade de cansaço (HAN, 2017), na cibercultura.

Mas diante desta constatação estamos afirmando que todos devemos ser tecnofóbicos e exilados digitais a fim de nos furtarmos das forças, causas e efeitos provocados, sobre os sujeitos, pelos processos tecnológicos e de comunicação social da esfera social cibercultural?

É evidente que não devemos nos situar em uma posição radicalmente negacionista em relação à técnica, às tecnologias digitais e ao processo de comunicação social cibercultural, uma vez que isto impediria tudo que é próprio do humano em uma sociedade democrática: todas as possibilidades de dissidências, lutas e tensões e toda a forma de diálogo, reflexão e tomadas de decisões diante dos desafios que a esfera social cibercultural nos impõe.

Este tem sido o valioso papel das universidades atuais que, mesmo diante dos inúmeros apelos à falta de bom senso e aos posicionamentos negacionistas em relação às Ciências, em geral e às Ciências Humanas, em específico, têm se posicionado contra radicalismos e, na medida do possível, tem auxiliado os docentes a promoverem movimentos de ciberformação e de conscientização ética, política, estética e técnica nas ambiências e docências formativas. Todavia, também não podemos nos furtar às evidências de existência de um movimento contrário às potencialidades da ciberformação: a maneira como projetos e ideologias políticas conservadores e autoritários vem se impondo em nossa sociedade, os efeitos dos sistemas tecnológicos de controle (DELEUZE, 1992), a lógica da positividade (HAN, 2017) e o capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020) que desejam que entendamos a tecnologia e seus processos formativos, tão somente “enquanto força exclusivamente produtiva e mecanismo capitalista voltado ao aumento da mais-valia, [do controle e do cansaço, nos impedindo] de enxergar seu potencial decolonizador e de perceber a necessidade do desenvolvimento e da manutenção da tecnodiversidade” (HUI, 2020, 17-18), na esfera social cibercultural.

Pois, como fora denunciado por Nietzsche em sua segunda consideração extemporânea, ao dizer que “[...] o saber que, sem fome, é absorvido em desmedida, e mesmo contra a necessidade, já não atua mais como motivo transformador que impele para fora, mas permanece escondido em um certo mundo interior caótico. E assim a formação moderna inteira é essencialmente interior [...] para os exteriormente bárbaros (NIETZSCHE apud HABERMAS, 2002, p. 123-125) temos que aprender a suprimir os impulsos em absorver saberes sem fome e contra a necessidade, como sugeriam as filosofias da subjetividade modernas e suas propostas de formação internas, para podermos nos transformar de interioridades bárbaras em seres de temporalidades efetivas, contemplativas, ativas, éticas, políticas e estéticas na esfera social

cibercultural; temos que “ser mais” como queria Freire (2019), resultado de processos de ciberformação de uma “práxis autêntica” (FREIRE, 2019), de pedagogias engajadas (HOOKS, 2013) e de docências abertas (BRUNO, 2021) nas ambiência formativas e práticas docentes nas universidades atuais, que promovam a libertação e a autonomia do ser docente e dos sujeitos para a vida efetiva na cibercultura.

O caminho a ser percorrido será longo e árduo, mas, certamente, instigante e revelador.

Assim, esta pesquisa e seus achados nos permitirão vislumbrar as possibilidades de buscarmos possíveis respostas por meio das coisas ditas, dos enunciados do discurso docente, que apesar de não serem absolutas, nos possibilitem encontrar caminhos seguros para os impasses, tensões e limites impostos ao ser docente, aos sujeitos e à ciberformação que, associados ao método investigativo adotado nesta pesquisa, propiciarão a busca por pistas que nos permitirão tensionar, refletir, analisar e apreender as premissas norteadoras da questão/problema da pesquisa e, se possível, corroborar nossa hipótese.

Finalmente, fica evidente a importância de se investigar como o ser docente é constituído nas práticas discursivas das docências e ambiências formativas nas universidades atuais e como seus enunciados, suas memórias, temporalidades e acontecimentos, engendram a vocação do homem de “ser-mais” (FREIRE, 2019), de ser constituído, ontologicamente, como resultado de processos de ciberformação emancipadores. Portanto, compreender e encontrar pistas significativas para que se possa ansiar a liberdade, a justiça, a luta e a recuperação da humanidade roubada do ser docente e dos sujeitos é a possibilidade de se vislumbrar uma sociedade de sujeitos conscientes, contemplativos, políticos, éticos, estéticos e afeitos ao acontecimento de uma história efetiva: o primeiro passo para o ser docente e os sujeitos se constituírem como presença efetiva na cibercultura.

Obras consultadas

Alba Rico, S. (2001). *La ciudad intangible: Ensayo sobre el fin del neolítico*. Hondarribia: Hiru.

Arendt, H. (2016). *Entre o passado e o futuro*. Tradução: Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva.

_____. (2019). *A condição humana*. Tradução: Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Aristóteles. (2006). *Ética a nicômaco*. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret.

Barbosa, M. C. (2019). Tempos midiáticos: passado, presente e futuro em modos narrativos. *Revista brasileira de história da mídia*. Piauí, v. 8, n. 2, p. 8-24. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/download/9297/5809>>. Acesso em: 12 set. 2020.

Bruno, A. R. (2021). *Formação de professores na cultura digital: aprendizagens do adulto, educação aberta, emoções e docências*. Salvador: EDUFBA.

Bruno, A. R.; Couto, João Luiz Peçanha. (2019). *CulturaS contemporâneas: o digital e o ciber em relação*. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 43, p. 95-122. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/5848>>. Acesso em: 02 mar. 2021.

Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

Chartier, R. (2019). Entre memória e esquecimento: as temporalidades da história, das mídias e das experiências. *Revista brasileira de história da mídia*. Piauí, v. 8, n. 2, p. 8-24. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/9838>>. Acesso em: 10 set. 2020.

Deleuze, G. (1992). *Conversações 1972-1990*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.

_____. (1996). O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Giles. *O mistério de Ariana*. Tradução: Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega. p. 83-96.

Fino, C. N. (2015). Quatro ideias sobre a relação entre TIC e currículo. In Morgado, J., Mendes, G., Moreira, A. & Pacheco, J. (Org.). *Currículo Internacionalização Cosmopolitismo*

– *Desafios Contemporâneos em Contextos Luso-Afro-Brasileiros*. Santo Tirso, v. II., pp 123-130, De Facto Editores.

Fischer, R. M. B. (2001) Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.114, p.197-223. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2020.

Foucault, M. (2006). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola.

_____. (2008). *A arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Campo Teórico).

Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

Habermas, J. (2002). *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Han, B. (2017). *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

Hui, Y. (2020). *Tecnodiversidade*. Tradução: Humberto do Amaral. São Paulo: Ebu Editora. (Coleção Exit).

Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Kuhn, T. S. (1978). *A estrutura das revoluções científicas*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Lemos, A. (2008). *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu. São Paulo: 34,1999.

Mandel, E. (1982). *O capitalismo tardio*. Tradução: Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Abril Cultural.

Moraes, M. C. (2008). *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais*. São Paulo: Antakarana WHH; Willis Harman House.

Morozov, E. (2018). *Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução: Claudio Marcondes. São Paulo: Ebu Editora. (Coleção Exit).

Nietzsche, F. (2003). *Escritos sobre Educação*. Tradução: Noeli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.

_____. (2017). *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Tradução de André Luís Mota Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017

Novoa, A. (2021). *Formação de Professores e profissão docente*. Lisboa: Universidade de Lisboa, s.d.. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>>. Acesso em 15 jan. 2021.

O'neil, C. (2020). *Algoritmos de destruição em massa: como o bigdata aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Tradução: Rafael Abraham. 1. ed. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão. 2020.

Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19). (2021), Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

Ribeiro, T., Souza, R., & Sampauio, C. S. (2018). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?*. Rio de Janeiro: Ayvu. (Coleção Ciência e Pesquisa em Questão).

Santaella, L. (2003). *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus. (Comunicação).

_____. (2010). *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus. (Comunicação).

Santos, B. S. (2005). *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática emancipatória da universidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez. (Coleção questões de nossa época; v.120).

_____. (2020). *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina.

SANTOS, E. O. (2005). Educação online: pesquisa formação na prática docente. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Silva, M. (2010). Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*. São Paulo, n. 3, p. 36-51. Disponível em: <encurtador.com.br/nryKN>. Acesso em: 26 jul. 2021.

Sousa, L. (2007). *A prática da antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/145186541.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

Zuboff, S. (2020). *A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Tradução: George Schlesinger. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Vieira Neto, O. S. S. (2013). *Os sentidos da formação humana na cibercultura: múltiplos olhares dos pesquisadores para a subjetivação do adulto na cultura digital*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.